

Zé do Telhado: O Justiceiro Romântico



ORGANIZAÇÃO



FACULDADE
DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE
DO PORTO

APOIO

Exposição

Faculdade de Economia da Universidade do Porto

11 novembro 2025 a 20 fevereiro 2026

Zé do Telhado: O Justiceiro Romântico



Índice

7

Prefácio

José Emídio

Presidente do Conselho
de Administração

Árvore – Cooperativa de
Atividades Artísticas

9

Prefácio

Óscar Afonso

Diretor

Faculdade de Economia da
Universidade do Porto

11

Fora da lei / Próximo do povo

Isabel Ponce de Leão

Vogal do Conselho de Administração
da Cooperativa Árvore

15

Obras

35

Breve biografia do Zé do Telhado



Prefácio

Ao longo da sua existência de mais de sessenta anos, a Cooperativa Árvore tem colaborado, estabelecido parcerias e protocolos com as mais diversas entidades e instituições da cidade, do país e do estrangeiro.

É, pois, com o maior orgulho e satisfação que damos início a esta parceria com a Faculdade de Economia da Universidade do Porto.

Esta, para nós, muito importante parceria, materializa-se neste primeiro momento, através de uma exposição coletiva, nas instalações desta faculdade e é composta por dezasseis obras de artistas da Árvore, realizadas em exclusivo para esta exposição e submetidas ao tema, *Zé do Telhado: O Justiceiro Romântico*.

Não podemos, no entanto, neste momento de encontro entre a Faculdade de Economia e a Cooperativa Árvore, deixar de referir um outro aspeto que muito valorizamos e que, de algum modo, muito nos honra também. Trata-se do facto de duas personalidades que estão profundamente ligadas à história da cooperativa, o Escultor José Rodrigues e o Arquiteto Viana de Lima, estarem igualmente ligados a esta faculdade. O Arquiteto Viana de Lima, como autor do projeto arquitetónico, e o Escultor José Rodrigues, como autor do elemento escultórico, *Obelisco* (1974), que anuncia a entrada principal do edifício. São, na verdade, duas importantes referências que, julgamos, honram e unem, estas duas instituições da cidade e que valorizam a sua própria história.

Deixamos aqui um especial agradecimento, aos artistas que responderam ao convite e aos desafios que lhes propusemos, aos nossos colaboradores na produção e logística dos trabalhos e, particularmente, aos responsáveis pela Faculdade de Economia.

Ao seu Diretor, Professor Óscar Afonso, por acreditar, como nós, que os valores da Arte, da Cultura e da Liberdade, valem bem o nosso esforço na sua defesa e na sua divulgação.

José Emídio

Presidente do Conselho de Administração

Árvore – Cooperativa de Atividades Artísticas

1847

04636

Junco da D. Santa do Officio de...
do da Comenda

Auto... de...
monstrando morte

Off. p. n. 3.º

Im... de...
C. de...

Auto...
Culho...
Porta...
Auto...

Auto... de...
de... de...

ff. 9

Auto... de...
Auto... de...

Auto... de...
Auto... de...
Auto... de...
Auto... de...

Auto... de...

Prefácio

Zé do Telhado é uma das figuras mais emblemáticas da tradição popular portuguesa. Nascido na segunda metade do século XIX, tornou-se símbolo da luta contra a injustiça social e da defesa dos oprimidos, personificando o herói romântico que atravessa gerações e inspira o imaginário coletivo. A sua história, marcada por um forte sentido de justiça, foi imortalizada ao longo do tempo, perpetuando uma rica tradição de narrativas populares. Mais do que uma figura lendária, Zé do Telhado representa a revolta contra as desigualdades sociais e os abusos de poder. Levantou-se contra os senhores da terra, os grandes opressores da sua época, e tornou-se o protetor dos humildes, desafiando o sistema estabelecido. Era visto como um salvador da sua gente, cujas ações, embora imperfeitas, ressoavam com os ideais de liberdade e igualdade. A sua ação transcendia o simples combate à injustiça, movida por um desejo profundo de corrigir o sistema e restaurar a equidade social, tornando-se num mito que perdura na cultura portuguesa.

Esta exposição visa explorar a figura de Zé do Telhado, não só pela tradição oral que preservou as suas façanhas, mas também através da sua representação nas artes, literatura e outras formas culturais. Procuramos apresentar Zé do Telhado como uma figura humana que viveu intensamente a sua época e se tornou um ícone atemporal. A exposição reflete as várias dimensões dessa figura complexa, desde a sua vivência nas serranias até ao seu lugar como mito nacional. Através de objetos, obras de arte e textos literários, convidamos o visitante a conhecer tanto o homem como o mito e a refletir sobre como esta figura continua a ressoar nas questões de justiça e desigualdade da sociedade contemporânea.

Agradecemos a todos que nos acompanham nesta jornada de descoberta e esperamos que esta exposição ofereça uma nova visão sobre um dos maiores justiceiros românticos da nossa história. Que, ao explorar as várias facetas de Zé do Telhado, todos possam refletir sobre o seu legado e sobre o poder da tradição na construção da identidade coletiva de um povo.

Óscar Afonso

Diretor

Faculdade de Economia da Universidade do Porto



Admiravam José do Telhado, pasmando das suas fugas insólitas, a coragem carniceira que o fazia coser com a agulha de castrador o próprio ventre anavalhado; louvavam a sua generosidade, comum a homens de tal tipo, que acabam por se explicarem como reformadores sociais e se fanatizam contra a lei, mas o povo não lhe perdoava a quebra de confiança a que o obrigava, nem a traição que desse facto, mutuamente, resultava.

Agustina Bessa-Luís

José Teixeira da Silva, mais conhecido como Zé do Telhado (1816–1875), ocupa um lugar peculiar na memória coletiva portuguesa. Militar envolvido nas lutas liberais, desertor, salteador / bandido, preso na Cadeia da Relação do Porto e, mais tarde, degredado para Angola, foi transformado pela tradição popular e pela cultura artística numa figura que oscilou entre o criminoso e o herói justiceiro, um tal Robin Hood português. Essa ambiguidade refletiu-se nas diversas representações que a sua vida e lenda conheceram ao longo do tempo, em vários campos da criação cultural portuguesa.

No âmbito literário, Zé do Telhado ganhou vida tanto pela via da história popular como pela ficcional. Desde o século XIX circulam folhetins, narrativas orais e textos de cordel que dramatizavam os seus assaltos e exaltavam a sua pretensa generosidade: roubava aos ricos para dar aos pobres. Camilo Castelo Branco dedicou-lhe páginas significativas em *Memórias do Cárcere* (1862) e *Maria da Fonte* (1884) retratando-o com ironia e detalhe psicológico, ora como vilão, ora como produto das desigualdades sociais. No século XX, Agustina Bessa-Luís em *A Sibila* (1954) denominou-o “Velho do Saco” e “Lobisomem”, numa alusão à crendice popular. A estes se juntam muitos outros autores que procuraram revisitar a trajetória do “bom ladrão”, oscilando entre a denúncia social e a mitificação romântica, e. g.: Graciliano Ramos (Camilo Castelo Branco, 1954), José Manuel de Castro (*José do Telhado*, 1980), Eduardo de Noronha (*José do Telhado em África: romance baseado sobre factos históricos*, 1923), Campos Monteiro (*José do Telhado e os seus Quadrilheiros*, 2001), Artur Varatojo

(O José do Telhado, 2003), Augusto Pinto (*Quem foi José do Telhado*, 2005) ou José Manuel de Castro Pinto (*José do Telhado: culpado e inocente*, 2003; *José do Telhado: o Robim dos Bosques português? Vida e aventura*, 2007).

Nas artes cénicas do século XIX e início do XX, o Bandoleiro do Marco foi figura recorrente. Peças de cariz melodramático ou burlesco apresentavam-no como aventureiro ousado, cuja coragem e astúcia despertavam tanto o medo como a admiração do público. O salteador assumia muitas vezes uma feição ora moralizante, sendo castigado no desfecho, ora heroica, sendo homenageado pela bravura. Assim, o teatro contribuiu para fixar a sua imagem como personagem liminar: fora da lei, mas próximo do povo, em peças como *Zé do Telhado* (1978) de Helder Costa, *Ana, Zé e os Escravos* (1986) de José Mena Abrantes e na opereta *Zé do Telhado* (1944).

Também o cinema não resistiu ao fascínio da lenda. Em meados do século XX, surgiram adaptações que exploravam a sua vida como matéria para filmes de ação e aventura, enquadrados num registo nacionalista e romântico. Estas produções reforçaram a imagem de um fora da lei com um certo código de honra, aproximando-o de arquétipos universais do herói popular. A dimensão cinematográfica ajudou a divulgar a figura de Zé do Telhado pelas novas gerações em filmes como *José do Telhado* (1929) de Rino Lupi, *José do Telhado* (1945), *A Volta de José do Telhado* (1949) de Armando de Miranda ou *José do Telhado de José Couto*, “recortado” da série João Semana exibido pela RTP em 2005.

Na música popular, o nome do salteador ganhou presença em modas, cantigas e fados. A sua fama, transmitida oralmente, fixou-se em versos que destacavam a audácia dos assaltos, mas também a suposta generosidade para com os pobres e desvalidos. Estas canções, mais do que narrar factos históricos, eternizaram uma lenda coletiva, transmitindo uma versão simplificada e romântica da sua vida, ao gosto popular, de que é subido exemplo o álbum *Fura fura* (1979) de Zeca Afonso, cujo lado A reunia músicas escritas para a peça de Helder Costa acima referida.

Nas artes plásticas, o Zé do Telhado foi representado em gravuras, ilustrações de romances de cordel, pinturas e até esculturas populares. A sua figura, com traços de valentia e rebeldia, era muitas vezes idealizada, convertendo-se em

símbolo visual da resistência popular contra a injustiça social. Estas representações plásticas, mais do que reproduções fiéis, contribuíram para a criação de um ícone cultural reconhecível. A trajetória de Zé do Telhado, cujos restos mortais repousam num pequeno mausoléu na aldeia de Xissa, a uma centena de quilómetros de Malanje, na África para onde foi reportado, atravessou fronteiras artísticas e consolidou-se como mito popular português. Se, por um lado, a história oficial o enquadra como criminoso condenado e deportado, por outro, a memória coletiva e a produção cultural deram-lhe uma aura heroica, conferindo-lhe um lugar na galeria das figuras lendárias nacionais.

A presente mostra prolonga essa galeria numa linguagem plástica insubmissa a estéticas controladas, antes diversificada em estilos e materiais que projetam a ambiguidade da personagem, perpetuando a imagem de um homem que desafiou a ordem, mas conquistou o imaginário do povo.

Isabel Ponce de Leão
Vogal do Conselho de Administração
da Cooperativa Árvore
Novembro de 2025

Acácio de Carvalho

Alberto Pêssimo

Benedita Kendall

Domingos Loureiro

Evelina Oliveira

Francisco Araújo

Henrique do Vale

JAS

Jorge Marinho

Manuel Bronze

Nuno Ferreira

Pereira Rute

Ricardo Leite

Rosa Bela Cruz

Rute Rosas

Vieira Saraiva



Acácio de Carvalho

Zé do Telhado, 2025
Acrílico sobre tela
Díptico de 150 x 200 cm



Alberto Pessim

Zé do Telhado, 2025

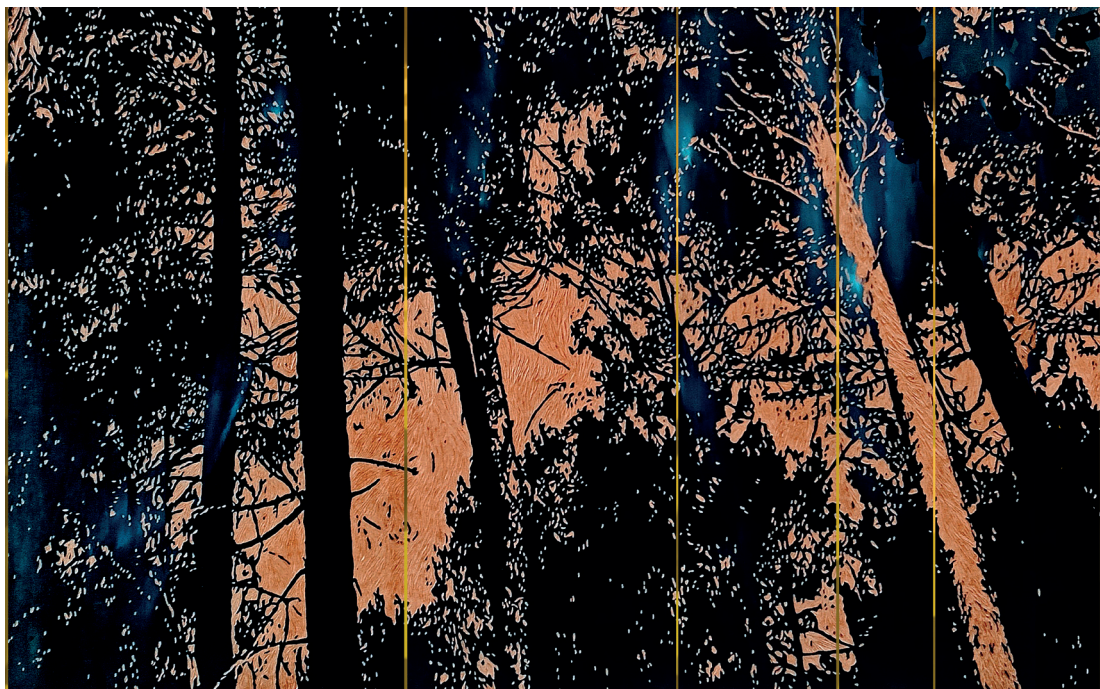
Técnica mista

100 x 100 cm



Benedita Kendall

*Sobre o mesmo céu:
Alegoria sobre a convivência
de classes, 2025
Acrílico sobre tela
100 x 100 cm*



Domingos Loureiro

Em cada relato, um novo facto, 2025
MDF pintado e escavado sobre
estrutura em latão
122 x 200 x 6 cm



Evelina Oliveira

Da memória, 2025
Acrílico e grafite sobre madeira
100 x 100 cm



Francisco Araújo

O Juízo Final de José do Telhado, 2025
Óleo sobre tela
100 x 120 cm

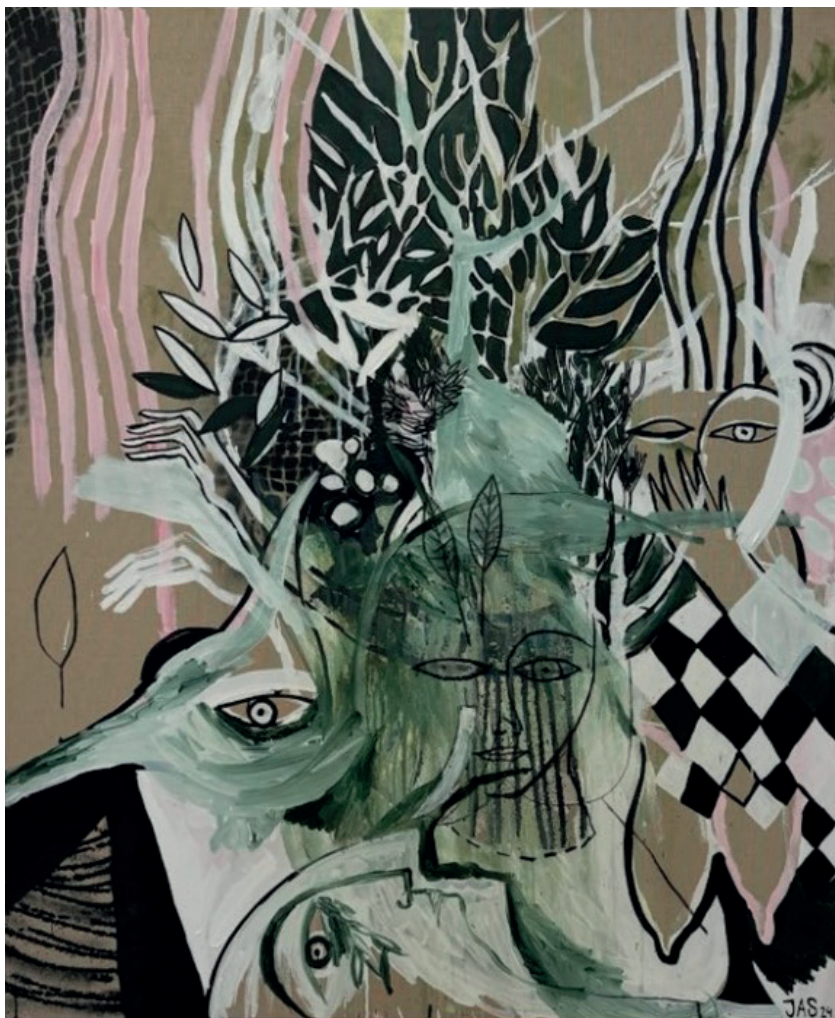


Henrique do Vale

Guarda Sombras, 2025

Acrílico sobre tela

100 x 145 cm



JAS

Life on the mountain, 2025
Acrílico e carvão sobre tela
120 x 100 cm



Jorge Marinho

Precisamos de heróis, 2025
Técnica mista sobre tela
100 x 100 cm



Manuela Bronze

1875, 2025

Grafite, acrílico, barra de óleo,
tecidos aplicados costurados e bordados
125 x 183 cm



Nuno Ferreira

José do Telhado e José Pequeno, 2025
Óleo sobre madeira
120 x 100 cm



Pereira Rute

A silhueta, 2025
Óleo sobre placa de HDF
104 x 104 cm



Ricardo Leite

Zé do Telhado – a noite, 2025
Pedra negra e lápis branco sobre
papel cinzento
100 x 100 cm



Rosa Bela Cruz

A Criada da Quinta do Morgado, 2025
Técnica mista sobre tela
120 x 100 cm



Rute Rosas

Corpo Pessegueiro (Madame), 2022
Pessegueiro seco, prata, vidro soprado,
musgos secos, pinha flor, pele de raposa
197 x 50 x 120 cm



Vieira Saraiva

Zé do Telhado, 2025
Óleo sobre linóleo
100 x 120 cm



Zé do Telhado: O Justiceiro Romântico

Origens e juventude

José Teixeira da Silva nasceu em 1818 no lugar do Telhado, freguesia de Castelões de Recezinhos, Penafiel. Proveniente de uma família humilde, aos 14 anos foi viver com um tio em Caíde de Rei, Lousada, onde aprendeu o ofício de castrador e tratador de animais. Aos 27 anos, casou-se com a sua prima Ana Lentina de Campos, com quem teve cinco filhos.

Carreira militar e envolvimento político

Alistou-se no exército, integrando os Lanceiros da Rainha, e participou na luta contra os setembristas pela restauração da Carta Constitucional. Após a derrota da sua facção, refugiou-se em Espanha. De regresso a Portugal, envolveu-se na Revolução da Maria da Fonte em 1846, colocando-se às ordens do general Sá da Bandeira. Destacou-se pela bravura em combate, sendo condecorado com a Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

De herói a salteador

Após a Convenção de Gramido (1847), que pôs fim à revolta, José do Telhado vê-se fora do exército, enfrentando dificuldades financeiras. Sem meios de subsistência, criou uma quadrilha que realizou numerosos assaltos no interior Norte de Portugal, especialmente em Baião, Celorico de Basto, Fafe, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses e Amarante. Recorrendo à sua experiência militar, a uma rede de informadores e a aliados de vários estratos sociais (incluindo padres e fidalgos), liderou assaltos audaciosos.

O assalto ao solar do Carrapatelo

O assalto à residência do Carrapatelo, Marco de Canaveses, do recém falecido fidalgo José Joaquim de Abreu de Lemos, em 1852, é, talvez, o episódio mais audacioso da sua carreira

criminosa. Planeou ao detalhe o assalto ao solar, onde se supunha haver 30 mil cruzados em ouro. Antes do ataque, enviou um dos seus homens de confiança, José Vasconcelos, conhecido por Morgado, para sondar o terreno e garantir alojamento nas proximidades. Durante a operação, a criada Luísa guiou os assaltantes ao quarto do finado, onde Zé do Telhado retirou duas bolsas com dinheiro. No entanto, o assalto culminou com o assassinato de um criado, contra as ordens de Zé do Telhado. No final, Zé do Telhado guardou o ouro e a prata para si, pagando seis moedas a cada homem, pelos serviços prestados. Ao contrário do mito, nada foi distribuído pelos pobres.

Captura e degredo

Impiedosamente perseguido pelas autoridades, Zé do Telhado acabou por ser capturado em 1859, quando tentava fugir para o Brasil. Em 1860, cruzou-se nos calabouços do Tribunal da Relação do Porto com Camilo Castelo Branco, num momento em que este receava que Pinheiro Torres – o marido atraído de Ana Plácido – tivesse contratado alguém para o matar. Zé do Telhado ofereceu-se para proteger o escritor. Grato por tal generosidade, Camilo intercedeu por ele, cedeu-lhe o seu advogado e reescreveu a sua vida em tons heroicos, transformando-o num autêntico “Robin dos Bosques português”.

Na verdade, apesar dos crimes praticados – assaltos, homicídios e resistência às autoridades – Zé do Telhado escapou à pena capital, sendo condenado ao exílio em Angola, onde viveu até à morte.

Exílio em Angola

Estabelecido em Malanje, Zé do Telhado tornou-se negociante de borracha, cera e marfim. Casou-se com uma angolana, Conceição, com quem teve três filhos. No desterro, foi uma figura respeitada, sendo conhecido localmente como Kimuezo, o homem das barbas grandes.

Faleceu em 1875 – há precisamente 150 anos, vítima de varíola, sendo sepultado na aldeia de Xissa, município de Mucari, onde o seu túmulo se tornou objeto de romarias e homenagens.

Legado

A figura de Zé do Telhado convida-nos a refletir sobre a justiça social e a ténue linha que separa o herói do vilão. Zé do Telhado tornou-se uma figura emblemática na cultura portuguesa, sendo retratado em diversas obras:

- Filmes como *José do Telhado* (1929 e 1945) e *A Volta de José do Telhado* (1949) retrataram a sua vida.
- A série de televisão *João Semana* (2005) incluiu numerosas referências a Zé do Telhado e aos assaltos do seu bando.
- Peças de teatro como *Zé do Telhado* (1944) e *Ana, Zé e os Escravos* (1986) exploraram a sua história.
- O músico Zeca Afonso dedicou o álbum *Fura Fura* (1979) à peça teatral *Zé do Telhado*.



EXPOSIÇÃO

Zé do Telhado:

O Justiceiro Romântico

DIREÇÃO E ORGANIZAÇÃO

José Emídio

Presidente do Conselho

de Administração

Óscar Afonso

Diretor da Faculdade de Economia

da Universidade do Porto

DIRETOR-EXECUTIVO

Manuel de Sousa

TEXTOS

José Emídio

Óscar Afonso

Isabel Ponce de Leão

COORDENAÇÃO

Beatriz Vieira

DESIGN EDITORIAL

Humberto Nelson

FOTOGRAFIA

Autores das obras

Imagens das páginas

4 - 6 - 8 - 10 - 37

Arquivo/Imagem

©José do Telhado – Museu Virtual -

- Tribunal da Relação do Porto

EDIÇÃO

Novembro 2025

© Árvore – Cooperativa de

Atividades Artísticas, C. R. L.

EXPOSIÇÃO / LOCAL E DATA

Faculdade de Economia

da Universidade do Porto

11 novembro 2025 a

20 fevereiro 2026

MONTAGEM

Tiago Reis

Dan Gaina

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Daniela Pinto

VINIS

Bluesmoke

IMPRESSÃO

Greca - Artes Gráficas

Depósito Legal

N^a

ÁRVORE – COOPERATIVA DE

ATIVIDADES ARTÍSTICAS, C. R. L.

Rua de Azevedo de Albuquerque, 1

4050-076 PORTO - PORTUGAL

www.arvorecoop.pt

FACULDADE DE ECONOMIA DA

UNIVERSIDADE DO PORTO

Rua Dr. Roberto Frias, s/n

4200-464 Porto, Portugal

www.fep.up.pt



ORGANIZAÇÃO



FACULDADE
DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE
DO PORTO

APOIO



Acácio de Carvalho

Alberto Pêssimo

Benedita Kendall

Domingos Loureiro

Evelina Oliveira

Francisco Araújo

Henrique do Vale

JAS

Jorge Marinho

Manuel Bronze

Nuno Ferreira

Pereira Rute

Ricardo Leite

Rosa Bela Cruz

Rute Rosas

Vieira Saraiva

Exposição

Faculdade de Economia da Universidade do Porto

11 novembro 2025 a 20 fevereiro 2026